

## A CATEGORIZAÇÃO REFERENCIAL COMO RECURSO DE IMPOLIDEZ NO TWITTER/X

## REFERENTIAL CATEGORIZATION AS AN IMPOLITENESS RESOURCE ON TWITTER/X

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira (UFMG)<sup>1</sup>  
Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)<sup>2</sup>  
Monique Vieira Miranda (UFMG)<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, propomos um estudo do papel da categorização referencial como um recurso de que os usuários do Twitter/X se valem para exercitarem impolidez linguística. Na perspectiva que adotamos, entendemos a referenciação, tal como definida no âmbito da Linguística textual, como um processo sociocognitivo em que os recursos verbais surgem como os responsáveis pela coconstrução de versões públicas do mundo, versões que, de forma reflexiva, podem ser objeto de disputa, acordos e ajustes pelos próprios interlocutores. Especificamente, centramo-nos na descrição e na análise de insultos e/ou de xingamentos que ocuparam a posição temática em um *corpus* formado por 300 *tweets* utilizados para atacar figuras do cenário político. Esses insultos foram dirigidos a líderes políticos e/ou a seus aliados, e publicados em postagens que comentavam o debate eleitoral do segundo turno das eleições brasileiras, ocorrido em 28 de outubro de 2022, e transmitido pela TV Globo. Como resultado, foi possível reunir em quatro categorias principais as expressões por meio das quais nos *tweets* os autores categorizam figuras políticas: A) epítetos relacionados a personagens históricos ou da grande mídia; B) cunhagem de termos inovadores; C) insultos atacando a honestidade e/ou a moral do candidato ou de apoiadores; D) insultos atacando o equilíbrio psicológico do candidato no debate.

**Palavras-chave:** referenciação textual; impolidez; Twitter/X; insultos.

**Abstract:** In this study, we investigate the role of referential categorization as a resource that Twitter/X users employ to enact linguistic impoliteness. From the perspective we adopt, referencing is defined within the scope of Textual Linguistics, as a socio-cognitive process in which verbal resources emerge and become responsible for the coconstruction of public versions of the world. It reflects entities that can be disputed, agreed upon, or adjusted by the interlocutors themselves. Specifically, we focused on the examination of swear words and insults that fulfilled the thematic position of the messages extracted from a corpus of 300 tweets. These insults and swear words were directed at political leaders and/or their associates and published in posts that commented on the Brazilian electoral debate of the second round of elections, which took place on October 28, 2022, and broadcast on TV Globo. As a result, it was possible to bring together the expressions through which users categorize political figures into four main categories: A) epithets related to historical or mainstream media characters; B) coining innovative terms; C) insults

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POS LIN/UFMG). Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: [adornomarciotto@gmail.com](mailto:adornomarciotto@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1857-0207>.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POS LIN/UFMG). Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: [ximenescunha@yahoo.com.br](mailto:ximenescunha@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9953-1204>.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de Pós-doutorado Júnior do CNPq. E-mail: [nk.miranda@gmail.com](mailto:nk.miranda@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0935-5604>.

attacking the honesty and/or morals of the candidate or supporters; D) insults attacking the candidate's psychological balance in the debate.

**Keywords:** textual referencing; impoliteness; Twitter/X; insults.

## Introdução

Neste trabalho, propomos um estudo do papel da categorização referencial como um recurso de que os usuários do Twitter/X se valem para elaborar *tweets* impolidos. Na perspectiva que adotamos, entendemos a referenciação como um processo sociocognitivo por meio do qual os interlocutores não se limitam a nomear uma realidade extralinguística, mas criam um espaço intersubjetivo em que os referentes são coconstruídos (KOCH, 2005). Nesse processo, os recursos verbais próprios da referenciação – nominalizações, pronominalizações, anáforas associativas, diretas e indiretas, etc. – ganham uma relevância que ultrapassa a dimensão exclusivamente textual que podem ter, enquanto mecanismos coesivos responsáveis por assegurar a construção da coerência por leitor ou ouvinte. Nesse processo, esses recursos surgem como os responsáveis pela coconstrução de versões públicas do mundo, versões que, de forma reflexiva, podem ser objeto de disputas, acordos e ajustes pelos próprios interlocutores, ao longo do discurso.

Colocando em primeiro plano essa dimensão amplamente interacional da língua/linguagem, os estudos da referenciação se abrem para a investigação de fenômenos que uma perspectiva estritamente linguística (ou centrada no código linguístico) da coesão não permitiria realizar. É o que se verifica, por exemplo, com o interesse, nas últimas décadas, pela dimensão cognitiva da referenciação (MORATO, 2005, 2017; KOCH, 2005) ou pela dimensão interacional/interativa da construção de objetos-de-discurso (MONDADA, 2001; MARCUSCHI, 2007). Nessa esteira, nas últimas décadas, observa-se ainda o interesse crescente pela articulação entre os estudos da referenciação e os estudos da polidez (ou cortesia) linguística (PRETI, 2008; CABRAL; SEARA; GUARANHA, 2017). Nessa última vertente de estudos, já anunciada em estudos clássicos da polidez (cf. BROWN; LEVINSON, 1987), entende-se a (re)categorização de referentes como um processo que, extrapolando a mera “etiquetagem” de objetos-do-mundo, permite ao produtor do texto oral ou escrito, em função do modo como escolhe nomear referentes na relação com o interlocutor, atender a determinadas exigências rituais do tráfego social (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992).

Inserindo-se nessa perspectiva de estudos, o presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da categorização referencial como um recurso de que os usuários do Twitter/X se valem para elaborar *tweets* impolidos. Neste trabalho, entendemos a impolidez, amplamente, não como a simples quebra ou violação de normas de conduta socialmente prestigiadas e legitimadas, mas como um comportamento que, assim como a polidez, permite o estabelecimento de vínculos sociais e que, em determinados contextos, pode constituir a ação esperada, permitindo ao produtor do texto angariar alguma forma de aceitação ou mesmo prestígio social (CULPEPER, 2011). Especificamente, vamos nos concentrar na descrição e na análise de insultos e/ou de xingamentos que ocuparam a posição temática em *tweets* utilizados para atacar figuras do cenário político. Esses insultos foram dirigidos a líderes políticos e/ou a seus aliados, e publicados em postagens que comentavam o debate eleitoral do segundo turno das eleições presidenciais, debate ocorrido em 28 de outubro de 2022 e transmitido pela TV Globo.

Para realizar esse trabalho, apresentamos inicialmente a noção de referenciação, tal como definida no âmbito da Linguística textual. Em seguida, propomos uma articulação entre os estudos sobre referenciação textual e os estudos sobre impolidez linguística. Após essa discussão teórica, apresentamos os procedimentos de coleta de dados, seguidos da seção da análise, em que alguns

elementos quantitativos são cotejados para ancorar a análise qualitativa, centrada em uma amostra de *tweets*, selecionados aleatoriamente como forma de exemplificar as categorias identificadas. Posteriormente, procedemos a uma discussão geral dos dados e, então, tecemos as considerações finais do estudo.

## 1 Referenciação: reflexões e conceitos fundamentais

O interesse pela referenciação surge no quadro de um questionamento do modo como, na semântica formal, se encara a questão da referência. Problematiza-se o entendimento tradicional, que se origina na lógica de Frege (1978), da referência como sendo a “simples representação extensional de referentes do mundo extramental” (KOCH, 2004, p. 57). Problematiza-se, assim, o entendimento de que o estudo da referência, assentado na relação entre as palavras e o mundo, corresponderia à especificação das condições de verdade da frase, como se depreende desta observação de Reboul (1994, p. 156): “É em função de seu sentido que uma expressão referencial designará este ou aquele objeto no mundo”. Nessa visão, a definição da referência prescindiria do contexto de comunicação em cujo interior a emergência de dado referente se faz significativa. Por isso, tal perspectiva, que parte da ilusão de um mundo pré-dado e estável a ser “mapeado” por categorias linguísticas, não se ocupa das instabilidades categoriais que se observam no uso efetivo da língua, instabilidades que se devem ao fato de que “a captação da referência envolve o universo discursivo, nascido de uma negociação entre os interlocutores para o estabelecimento das entidades que nele devem existir” (NEVES, 2006, p. 80).

Na passagem “da ‘referência’ aos processos de ‘referenciação’” (MONDADA; DUBOIS, 1995, p. 274), busca-se “reconsiderar a questão [da relação supostamente estável entre as entidades do mundo e as da língua] partindo da instabilidade constitutiva das categorias ao mesmo tempo cognitivas e linguísticas, bem como de seus processos de estabilização” (MONDADA; DUBOIS, 1995, p. 275). O interesse desloca-se, assim, da relação entre as palavras e as coisas ou objetos-do-mundo para “a relação intersubjetiva e social no interior da qual versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores” (MONDADA, 2001, p. 66-67).

Por isso mesmo, no estudo dos processos de referenciação, analisa-se não o modo como os interlocutores se referem a objetos-do-mundo, mas o modo como mobilizam (ativam, reativam, delimitam, transformam, desativam) objetos-de-discurso, ou seja, “entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objetos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativa e discursivamente produzidas pelos participantes ao longo de sua enunciação” (MONDADA, 2001, p. 67). São, portanto, entidades que não preexistem ao discurso, mas que “emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva” (MONDADA, 2001, p. 67). Assim, como observa Cavalcante (2011, p. 183-184),

Não se pode falar, então, de referentes como entidades estáticas, congeladas, registráveis em dicionário, tal como se faz com os significados, senão apenas como algo que, durante uma interação, podemos imaginar, conceber, apreender, e que não será igual para todas as pessoas que participam dessa interação naquele momento, mas que apresentará muitos pontos em comum para esses participantes, de maneira que a enunciação possa ser negociada e efetivar-se com mais ou menos sucesso.

Nessa abordagem da referenciação, que se filia à linguística interacional (MONDADA, 2001), fenômenos tradicionalmente estudados pela linguística, como nominalizações, elipses e substituições (pro)nominais, passam a ser entendidos como recursos de que os interlocutores se valem para negociarem conjunta e publicamente não só os referentes que mobilizam, mas o próprio

contexto em que interagem, os papéis que aí desempenham um (uns) em relação ao(s) outro(s), seus conhecimentos e visões de mundo e o modo como se apresentam na interação (MONDADA, 2001; MARCUSCHI, 2007; OLIVEIRA; CUNHA; MIRANDA, 2017; CUNHA; OLIVEIRA; PICININ, 2018; CUNHA; OLIVEIRA, 2020).

O que possibilita a análise dessa negociação é exatamente o fato de, nessa perspectiva, os referentes serem concebidos como objetos-de-discurso ou entidades cuja definição e identificação se resolve no próprio universo discursivo (NEVES, 2006). Como observa Koch (2004, p. 58), “o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção, isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória partilhada, ‘publicamente’ alimentada pelo próprio discurso”. Baseando-se na noção de memória discursiva de Berrendonner (1983)<sup>4</sup>, propõe a autora que, na progressão textual, a construção da cadeia referencial se faz por meio da remissão dos termos anafóricos não a itens linguísticos ou a objetos-do-mundo, mas a informações previamente estocadas na memória discursiva dos interlocutores: “a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento linguístico (‘antecedente’) ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva” (KOCH, 2004, p. 59)<sup>5</sup>.

Com o recurso à noção de memória discursiva, a análise dos processos de referenciação pode obter um tratamento satisfatório e unificado de fenômenos tão diversos quanto as recategorizações, que operam uma transformação dos referentes ao longo da interação, os tipos de anáfora sem antecedente claramente identificável, como as indiretas e as associativas, “cuja interpretação põe em jogo operações de raciocínio” (KOCH, 2006, p. 114), e as rotulações (encapsulamentos e sumarizações), que, por meio de uma expressão nominal, transformam em referente informações expressas em porções do cotexto (CONTE, 2003; KOCH, 2014).

Segundo Koch (2004; 2006; 2014), três estratégias de referenciação estão envolvidas na constituição da memória discursiva dos interlocutores:

- a) *Construção/ativação*: um referente (objeto-de-discurso) não mencionado é introduzido no modelo de mundo textual.
- b) *Reconstrução/reativação*: o referente previamente ativado é reativado por meio de uma forma referencial.
- c) *Desfocalização/desativação*: a ativação de um novo referente implica o deslocamento da atenção do antigo objeto para o novo.

A realização das três estratégias implica o uso de formas referenciais: pronomes, expressões nominais definidas e expressões nominais indefinidas, como sistematizado por Koch (2009) para dados do português, a partir, dentre outros autores, de Halliday e Hasan (1976). No que se refere à construção/ativação de referentes, o objeto-de-discurso pode ou ser totalmente novo, caso em que tipicamente ocorrem expressões indefinidas (NEVES, 2006), ou se ligar por associação a alguma informação ou conjunto de informações da memória discursiva com origem no cotexto ou

---

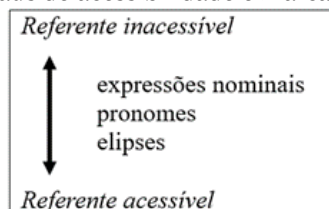
<sup>4</sup> A memória discursiva corresponde ao “[...] conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores”. Ela abarca “[...] os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc.) que servem de axiomas aos interlocutores para conduzir uma atividade dedutiva” (BERRENDONNER, 1983, p. 230-231) e é alimentada tanto pelos acontecimentos extralinguísticos como pelos turnos sucessivos que constituem a interação (CUNHA, 2023).

<sup>5</sup> O entendimento de que os termos anafóricos se ligam não a itens linguísticos ou a objetos extralinguísticos, mas a informações da memória discursiva com origem no cotexto, no contexto ou em inferências verifica-se também nos estudos sobre a organização informacional e tópica, no quadro da Pragmática conversacional (ou do discurso) (GROBET, 2001; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; MARINHO; CUNHA, 2014; CUNHA; OLIVEIRA, 2020).

no contexto, como nas anáforas associativas e nas rotulações. Esses dois modos de ativação de referentes são denominados por Koch (2004) como introdução “não ancorada” e introdução “ancorada”, respectivamente. Em ambos os casos, a escolha do nome-núcleo da expressão é reveladora do modo como o produtor do texto oral ou escrito categoriza o referente e das propriedades que lhe atribui. Afinal, “a categorização representa o ponto de vista do falante naquele determinado momento da construção do discurso” (NEVES, 2006, p. 102).

Quanto à reconstrução/reativação de referentes, estabeleceu-se, em diferentes perspectivas teóricas, uma correlação aproximada entre marcação linguística e grau de acessibilidade do referente que se quer reativar (cf. GROBET, 2000). Conforme essa correlação, “quanto menor é o grau de acessibilidade de um referente na memória discursiva, maior é a quantidade de material linguístico necessária para expressá-lo” (CUNHA, 2013, p. 288). Essa correlação pode ser representada, a partir de Grobet (2000), Kleiber (1990) e Berthoud e Mondada (1995), por meio da escala presente na Figura 1.

**Figura 1 – Graus de acessibilidade e marcação linguística**



Fonte: Cunha (2013, p. 289, adaptado).

Ainda que essa escala guarde uma validade geral, deve-se observar, com base em Mondada (2001), que as marcas dos objetos-de-discurso não se ligam de modo rígido a funções precisas, já que a língua não codifica com exatidão os graus de acessibilidade dos referentes e já que os interlocutores escolhem as marcas em virtude sobretudo de propósitos e contingências interacionais. Assim, em estudo sobre sequências narrativas de reportagens escritas, observa Cunha (2013) a predominância de retomadas anafóricas com expressões nominais em contextos em que, dada a grande acessibilidade dos referentes, seriam possíveis correferências pronominais. A explicação para esse uso, de ordem interacional, encontra-se na busca do jornalista por evidenciar ao leitor as propriedades que quer atribuir a um referente (*agressor, vítima, torturador*, etc.), o que não poderia fazer se reativasse o referente com um pronome (*ela/ele*) (CUNHA, 2013).

Obtendo constatação semelhante, mas com base na análise de dados orais, Raymond, Clift e Heritage (2021) estudam sequências em que o segundo locutor emprega uma expressão nominal (p. ex. *the ice*) para retomar referente verbalizado pela mesma expressão ao final do turno do primeiro locutor. No momento em que a retomada ocorre, trata-se, portanto, de referente altamente acessível, o que favoreceria a retomada pronominal (*it*). Conforme os autores, o uso nesse contexto pelo segundo locutor da mesma expressão nominal usada pelo primeiro se explica pela busca daquele por reivindicar primazia epistêmica na abordagem desse referente.

Considerações aproximadas sobre o papel persuasivo da escolha do nome-núcleo das expressões referenciais encontram-se em trabalhos de Koch (2004; 2005; 2006; 2014). O que possibilita o uso persuasivo de uma expressão referencial é o fato de, com ela, “o locutor operar uma seleção, dentre as propriedades atribuíveis a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva, é (são) relevante(s) para a viabilização de seu projeto de dizer” (KOCH, 2006, p. 87). Conforme Marcuschi e Koch (2006, p. 390), “trata-se, em muitos casos, da ativação, dentre os conhecimentos supostamente partilhados com o(s) interlocutor(es) (isto é, a partir de um *background* tipo por comum), de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar”. Essas características podem se manifestar tanto na escolha do nome-núcleo quanto no acréscimo ao nome-núcleo de modificadores axiológicos positivos ou negativos.

No próximo item, tendo em vista ser o *corpus* desta pesquisa formado por 300 *tweets* com expressões nominais (insultos e xingamentos), em posição de tema simples e não marcado, empregadas para (re)categorizar negativamente candidatos participantes de um debate eleitoral, descrevemos de modo mais detido as noções de tema-remas e dado-novo, caras aos estudos de referenciação (KOCH, 2006; CAVALCANTE, 2011), e as noções de impolidez, insulto e xingamento.

## 2 A metafunção textual de Halliday, os processos de referenciação e a impolidez linguística

Na tentativa de demonstrar a amplitude de possibilidades analíticas que o fenômeno da referenciação pode ensejar, nesta parte do artigo nos concentramos na descrição e na análise de insultos e/ou de xingamentos que ocuparam a posição temática em *tweets* utilizados para atacar figuras do cenário político. Os insultos selecionados fazem parte da categoria tema simples e não marcado, ocupando, portanto, a posição de sujeitos oracionais.

Na perspectiva de Halliday e Matthiessen (2013), o texto se torna possível porque o falante/autor/locutor o produz no intuito de que o ouvinte/interlocutor/leitor o reconheça como tal. Nesse processo de identificação, esquemas mentais de três tipos principais são normalmente ativados: conhecimento do mundo, conhecimento contextual e conhecimento pragmático (GOATLY, 1997, p. 137). O conhecimento do mundo consiste no inventário de conhecimentos genéricos (ou enciclopédicos), armazenados em nossa memória de longo prazo. Já o chamado “contexto circundante” ou contextual relaciona-se à nossa consciência acerca dos fatores socioculturais e situacionais que exercem influência direta ou indireta no texto como ele é produzido. O conhecimento dos princípios pragmáticos, por sua vez, associa-se aos recursos pragmático-textuais necessários para que a língua seja colocada em uso, ou seja, ele faz parte da nossa capacidade de utilizar a língua de forma comunicativamente eficiente.

No funcionalismo hallidayano, a metafunção textual também engloba os elementos por meio dos quais os significados dos modos experiencial e interpessoal da linguagem são organizados para formarem um texto que possa ser considerado coeso e coerente (HALLIDAY; HASAN, 1976). Esses elementos estão substancialmente ligados aos construtos tema (elemento escolhido para iniciar uma mensagem, anterior ao verbo) e remas (o restante da mensagem, porção posterior ao verbo). O tema é, ainda, o ponto de partida da oração e revela a escolha do falante sobre como a mensagem é apresentada ao interlocutor. Como apontado por Chafe (1992, p. 53) e Thompson (2013, p. 65), o tema também constrói um enquadre para o desenvolvimento e a interpretação do restante da predicação oracional (o rema). Além disso, funciona como um ponto de conexão entre as orações que instância e as demais, influenciando a coesão textual como um todo.

Para além da estrutura temática, contudo, a unidade informacional é também um elemento central na noção de texto como unidade de sentido, sendo constituída de dois componentes interconectados “o dado” e “o novo”. A natureza do elemento dado é “fórica”, isto é, refere-se a entidades de algum modo já referidas no texto, ou disponíveis/acessíveis pelo contexto imediato, ou pelo ambiente cognitivo dos interlocutores (SPERBER; WILSON, 1986) ou, ainda, na memória discursiva, como mencionado no item anterior. Dado e novo também podem, por essas razões, envolver conteúdos de natureza verbal, não-verbal e híbrida, esta última bastante relevante no caso de textos produzidos em ambientes digitais e multimodais.

Em sua ocorrência mais típica, o dado precede o novo, em virtude, especificamente, do princípio cognitivo do *end-weight*, segundo o qual, em várias línguas, o final da oração é importante, pois é onde o maior peso cognitivo costuma recair em termos de novas informações (McCARTHY; CARTER, 2006). O princípio do *end-weight* é, ainda, circunscrito pelas limitações de nossa memória de curto-prazo, bem como pelos diferentes gradientes cognitivamente motivados, associados ao

modo como processamos as diferentes porções textuais (do “mais familiar” para o “menos familiar”).

Naturalmente, embora sejam relacionados, tema-remata e dado-novo não são conceitos idênticos. O tema relaciona-se àquilo que o falante escolhe para tomar como ponto inicial da oração, enquanto o dado é o que o ouvinte, ou o interlocutor, já sabe sobre aquele elemento inicial, ou reconhece como acessível/familiar em relação a ele. Dito de outro modo, tema/remata são orientados para o falante, enquanto dado/novo são orientados para o ouvinte/interlocutor. Ambos, porém, de acordo com Halliday (1994, p. 299), são "selecionados pelo falante" e exercem importante papel para a recuperação de entidades textuais, via processos de referenciação.

É em face do potencial prospectivo que o tema apresenta, ao delinear o ângulo por meio do qual o falante se apresenta em determinada porção textual, que os insultos em posição temática foram escolhidos para essa análise. Mais especificamente, esses insultos foram dirigidos a líderes políticos e/ou a seus aliados e publicados em postagens que comentavam o debate eleitoral do segundo turno das eleições presidenciais, debate ocorrido em 28 de outubro de 2022, e transmitido pela TV Globo<sup>6</sup>.

Na linha teórica que adotamos, entendemos a impolidez, como informado na introdução, como um comportamento que, assim como a polidez, permite o estabelecimento de vínculos sociais e que, em determinados contextos, pode constituir a ação esperada, permitindo ao produtor do texto angariar alguma forma de aceitação ou mesmo prestígio social (CULPEPER, 2011). Especificamente, para Culpeper (2011), a impolidez envolve confronto e incompatibilidade entre os participantes da interação e, por isso, está ligada à emergência de conflito. Assim, o autor concebe a impolidez como “uma atitude negativa para comportamentos específicos ocorrendo em contextos específicos” (CULPEPER, 2011, p. 23). Porém, como observa Cunha (2019), embora, para Culpeper, a impolidez emergja na interação, ela se assenta no contexto social mais amplo, por ser “sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre organização social, incluindo, em particular, como identidades de uma pessoa ou de um grupo são mediadas por outros na interação” (CULPEPER, 2011, p. 23).

Assumindo uma tal perspectiva teórica sobre a impolidez, em que ela corresponde a um fenômeno contextual, entendemos que os insultos e os xingamentos podem ser categorizados em três tipos principais: xingamentos associados à solidariedade/conexão social, à catarse e à agressão verbal (VÁSQUEZ, 2021; 2005; DYNEL, 2023). Na função associada à criação de solidariedade/conexão social, podem ser identificados os xingamentos que apresentam função gregária, ou seja, associada à aproximação entre os indivíduos. Nesses casos, os xingamentos são proferidos com a finalidade de aperfeiçoar as relações entre membros de uma comunidade, conferindo um tom informal e lúdico à interação que, em outros contextos, poderia ser sancionada negativamente (STAPLETON *et al.*, 2022). Com respeito à função catártica, os xingamentos atuam como válvula de escape para um conjunto variado de emoções (tais como raiva ou frustração, entre outras), estando, portanto, ligados à busca pelo conforto psicológico (STAPLETON *et al.*, 2022). Xingamentos do tipo catártico podem, eventualmente, desencadear efeitos interpessoais inesperados, por exemplo, podem ser classificados com agressivos ou desrespeitosos por determinados interlocutores ou por terceiras partes (DYNEL, 2023, p. 113). Em relação aos xingamentos caracterizados como agressivos, foco central deste estudo, eles ficam circunscritos ao emprego de linguagem abusiva, utilizada com o objetivo de explícito de humilhar, denigrir e/ou provocar o interlocutor ou uma terceira parte, constituindo-se, portanto, em uma manifestação de impolidez linguística (CULPEPER, 2010; 2011; BOUSFIELD, 2008; BUSHMAN; HUESMANN, 2010).

---

<sup>6</sup> Para estudo relativo aos insultos em *tweets* dirigidos a ministros do Supremo Tribunal Federal, cf. Oliveira, Drinóczi e Miranda (2024).

### 3 Metodologia

Os dados coletados para este estudo foram retirados de um *corpus* maior, compilado por Oliveira e Miranda (no prelo) para um estudo anterior, e analisados em Oliveira e Cunha (2024) com objetivos distintos dos do presente trabalho. Esses dados são constituídos dos comentários dos usuários do Twitter/X sobre o debate presidencial de 28/10/22, transmitido pela Rede Globo. Com relação ao Twitter/X, observam Oliveira e Carneiro (2018, p. 7) que uma característica importante dessa plataforma são as *hashtags*. Para formar uma *hashtag*, basta que os usuários usem o símbolo # seguido por uma palavra ou frase. No Twitter/X, a função primária das *hashtags* é reunir e demarcar as informações, com o fim de facilitar a recuperação de conteúdos postados (SCOTT, 2015). Contudo, como esclarecem as autoras, as *hashtags* cumprem um papel duplo:

Por um lado, elas servem ao propósito de contribuir para a interpretação da postagem pelo leitor, oferecendo pistas contextuais, ou referenciais. Por outro, elas atuam para circunscrever a troca comunicativa (ou a postagem) em um ambiente interacional transitório e licencioso, amplamente frutífero para a ocorrência de ataques verbais e de descortesia, ou de impolidez (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018, p. 7).

Mais especificamente, Oliveira e Carneiro (2018), com apoio em Scott (2015) e Recuero *et al.* (2015), apresentam uma série de funções mais particulares das *hashtags*, sendo uma delas “oferecer um tom jocoso à interação digital”. Nesse caso, elas atuariam como um recurso para comunicar deboche e/ou desdém, criando, como salientado pelas autoras na citação anterior, um ambiente “frutífero para a ocorrência de ataques verbais e de impolidez”. Do ponto de vista deste trabalho, o interesse dessa função das *hashtags* no Twitter/X está, assim, em apontar a natureza conflituosa de grande parte das interações que ocorrem nessa plataforma, interações nas quais recursos como as *hashtags* e também recursos linguísticos são empregados pelos usuários para sinalizar que estão participando de uma interação impolida.

Os comentários que analisamos foram reunidos por meio da busca pela #DebatenaGlobo, feita com o auxílio do App de Desenvolvedor do Twitter/X. A referida *hashtag* foi selecionada para análise porque ela figurou como um *trending topic* (tópico mais comentado) na plataforma nas primeiras 24 horas que se sucederam ao debate eleitoral, ocupando a 5ª posição por um total de 8.5 horas e contabilizando 764.179 *tweets* no total. No recorte apresentado, os primeiros 300 *tweets* foram extraídos do *corpus* (OLIVEIRA; MIRANDA, no prelo) e analisados manualmente, com o objetivo de identificação do tema oracional constante na porção inicial das mensagens coletadas.

As postagens foram manualmente analisadas do ponto de vista da meta-função textual, bem como da perspectiva dos modelos de impolidez linguística. Foram identificadas quatro principais categorias de expressões nominais, em posição de tema simples e não marcado, empregadas para (re)categorizar negativamente os candidatos, quais sejam: A) epítetos relacionados a personagens históricos ou da grande mídia; B) cunhagem de termos inovadores; C) insultos atacando a honestidade e/ou a moral do candidato ou de apoiadores; D) insultos atacando o equilíbrio psicológico do candidato no debate. Houve ainda outros insultos não classificados, que denominamos, nas análises, categoria E<sup>7</sup>. Após essa identificação, um exame quantitativo do emprego de tais categorias também foi procedido para efeitos de triangulação dos dados. Além disso, nas ocorrências em que os autores identificaram ambiguidades ou conflitos entre categorias, um terceiro codificador competente foi recrutado para confirmar (ou não) as classificações.

---

<sup>7</sup> Na categoria E, foram inseridas mensagens de difícil categorização, seja por falta de contexto imediato, seja por questões ligadas ao estilo de escrita dos autores. Essas mensagens não foram classificadas e fazem parte dos dados brutos do estudo.



Do ponto de vista ético, ainda que o Twitter/X seja uma plataforma social digital caracterizada pelo fato de não exigir que respostas diretas sejam oferecidas a mensagens anteriores, podem também ocorrer interações baseadas na organização sequencial e na troca efetiva de turnos. Além disso, o fluxo de mensagens na plataforma também permite a ocorrência de conversas com múltiplos usuários, o que a classifica dentro do formato "destinatário e grande grupo" (DYNEL, 2023). Essa propriedade foi o ângulo principal pelo qual coletamos os dados deste artigo, produzidos por e destinados a usuários não identificados (ou a grupos de usuários não identificados), congregados por meio da #DebatenaGlobo. Os dados são, portanto, públicos e não invasivos, já que podem ser acessados por qualquer pessoa, sem a necessidade de senha, pagamento ou inscrição prévia. Esses procedimentos também estão em conformidade com as diretrizes da AoIR (*Association of Internet Researchers* - Associação dos Pesquisadores de Internet). Ademais, em razão de nosso interesse residir no conteúdo das postagens e não em seus autores, os dados foram anonimizados, sem causar, portanto, qualquer dano, constrangimento ou exposição indevida a indivíduos comuns ou a grupos de indivíduos.

#### 4 Referenciação e impolidez no Twitter/X

Neste item, apresentaremos a análise do *corpus* formado pelos 300 *tweets*. Inicialmente, apresentaremos a distribuição desse *corpus* pelas quatro categorias A) epítetos relacionados a personagens históricos ou da grande mídia; B) cunhagem de termos inovadores; C) insultos atacando a honestidade e/ou a moral do candidato ou de apoiadores; D) insultos atacando o equilíbrio psicológico do candidato no debate. Em seguida, procederemos à análise qualitativa de *tweets* pertencentes a cada uma dessas categorias. Ao final, proporemos uma discussão acerca dos resultados obtidos.

##### 4.1 Visão geral quantitativa dos dados

O Quadro 1 ilustra os resultados alcançados na análise quantitativa de dados, produzida com o objetivo de observar a distribuição das principais categorias identificadas no conjunto de dados analisados.



Observa-se, no Quadro 1, que os insultos e/ou de xingamentos pertencentes à categoria C (insultos atacando a honestidade e/ou a moral do candidato ou de apoiadores) foram predominantes nos dados, seguidos pela categoria D (insultos atacando o equilíbrio psicológico do candidato no debate), B (cunhagem de termos inovadores) e pela categoria A (epítetos relacionados a personagens históricos ou da grande mídia).

Para além da simples quantificação preliminar de nossos dados, esses resultados sugerem que os usuários do Twitter/X se engajaram no esforço coletivo de vilipendiar as figuras públicas

envolvidas no debate eleitoral. Especificamente, a conduta verbal e moral dos candidatos foi submetida a julgamento, o que foi feito por meio do emprego de insultos e de xingamentos, de natureza prioritariamente agressiva (OLIVEIRA; DRINÓCZI; MIRANDA, 2024). Eles sugerem que a relação intersubjetiva e social presente no interior das mensagens serviu como um índice da avaliação em curso (MONDADA, 2001). Na seção seguinte, uma amostra selecionada das postagens, produzida aleatoriamente e por categoria identificada, será discutida. Nosso objetivo é aprofundar a análise e procurar revelar algumas de suas principais nuances pragmático-textuais.

#### 4.2. Epítetos relacionados a personagens históricos ou da grande mídia

No exemplo 1, o termo Naro, redução do nome Bolsonaro, pode ser entendida ainda como uma alusão ao imperador romano Nero - 54 e 68 d.C - famoso por ter mandado incendiar grande parte da cidade de Roma.

##### Exemplo 1

**Naro** foi pro debate querendo pregar em Lula a pecha de mentiroso, mas ele já mentiu tanto...q ninguém acredita é nele! 😂  
#DebateNaGlobo  
#BOLSONARO MENTIU

Na segunda menção, a expressão depreciativa é recuperada por meio do uso do sobrenome do candidato (**#BOLSONARO MENTIU**). A mensagem como um todo manifesta um julgamento negativo acerca do comportamento verbal do então candidato Bolsonaro. Esse julgamento é ancorado, ou justificado, entre outros elementos, por meio de uma equitativa temática “ninguém acredita é nele”, empregada para conferir ressaltado argumentativo ao apresentar um contraste (é nele - e não no outro candidato- que ninguém acredita). A avaliação negativa é ainda intensificada pelo emprego do advérbio “tanto”, que atua para afastar qualquer outra conclusão implicada sobre o enunciado proferido, sinalizando que sua leitura preferida é a agressiva e de cunho catártico, do tipo intrapessoal e interpessoal (KRIKELA, 2022; DYNEL, 2023). Do ponto de vista da acumulação simbólica de recursos do ambiente digital (*affordances*), o texto da mensagem é selado com um *emoji* de gargalhada, que sublinha seu tom de deboche.

Nos exemplos 2 e 3, o termo Bozo, em posição temática, alude a um personagem palhaço, que se tornou popular na TV brasileira entre 1980 e 1991.

##### Exemplo 2

**Bozo** falou tanta merda, mas tanta merda, mas tanta merda no #DebateNaGlobo que até o William Bonner teve que pedir direito de resposta ao Bozo.  
#BOLSONARO MENTIU

##### Exemplo 3

**Bozo** (Só trouxe mentiras, dados falsos e histórico de crimes)  
#DebateNaGlobo #PrisãoZambelli #ZambelliTerrorista

Particularmente no exemplo 2, o caráter impolido da mensagem é atingido por meio de um xingamento ou de uma palavra tabu (CULPEPER, 2010), repetida três vezes (“merda”) e intensificado por meio do modificador adverbial “tanta”. Na mensagem 3, o ataque à reputação do

candidato também é produzido pelo emprego dos lexemas "mentiras", "dados falsos" e "histórico de crimes", que atuam para construir uma predicação negativa, associada ao referido candidato.

No exemplo 4, a expressão Louro José alude a um personagem animal, fantoche de um programa matinal da TV aberta.

#### Exemplo 4

**O Louro José do Bozo** dando seu depoimento.  
 JANONES EU AUTORIZO  
 BOLSONARO NÃO MEXE NO SALÁRIO  
 #Eleicao2022 #LulaPresidente 🇧🇷 #DebateNaGlobo #ForaBolsonaroMentiroso

A expressão é também recuperável em duas instâncias posteriores, por meio do emprego do sobrenome do candidato (BOLSONARO NÃO MEXE NO SALÁRIO e #ForaBolsonaroMentiroso). Nesse exemplo, é interessante notar que, embora a entidade selecionada para a posição de tema da primeira oração ofereça o enquadre central para a mensagem, que se destina a primeiramente alvejar o candidato Bolsonaro, há ainda menções ao candidato rival e a seus associados (Lula e Janones), que são alçados à condição de temas simples e não marcados nas instâncias seguintes. Essas ocorrências sugerem a mobilização de recursos linguísticos destinados ao cumprimento de duas operações aparentemente opostas, porém interrelacionadas: vilipendiar um candidato e expressar apoio ao outro (o seu rival). Ambas as tarefas caracterizam os discursos polarizados, nos quais o fenômeno da impolidez linguística tem sido identificado como prevalente (OLIVEIRA; MIRANDA, 2020).

#### 4.3 Cunhagem de termos inovadores

Registra-se, no exemplo 5, a aglutinação dos sobrenomes de Jair Bolsonaro e de Paulo Guedes, então ministro da Fazenda de seu governo.

#### Exemplo 5

**BOLSOGUEDES**, sob pressão, lançou um auxílio eleitoreiro para compra de votos  
 VAMOS JUNTOS eleger #LulaPresidente 🇧🇷❤️🇺🇸

Nesse exemplo, não há recuperação direta do termo nas instâncias que seguem a oração inicial. Na mensagem, uma asserção negativa é ainda empregada para atacar a imagem de Bolsonaro, associando-o a atributos negativos, como a desonestidade: "lançou um auxílio eleitoreiro para a compra de votos". A mensagem é selada por um comando para a ação, na qual o apoio ao candidato adversário é explicitado: VAMOS JUNTOS eleger #LulaPresidente 🇧🇷❤️🇺🇸

No exemplo 6, registra-se a grafia inovadora do nome do então candidato Lula, utilizando-se um padrão fonológico e gráfico típico da língua inglesa, o que confere um tom jocoso à mensagem.

#### Exemplo 6

**Bolsonaro e Loola** disseram um ao outro reiteradas vezes é:  
 ➡ "Você é mentiroso".  
 Mais incrível são os malabarismos da mídia lulopetista tentando inflar o ladrãozinho.  
 #LulaNemFu

O termo Loola é recuperado nas ocorrências seguintes por meio de "ladrãozinho", em posição remática, em que o diminutivo contribui para elevar o potencial agressivo do xingamento. Em seguida, a predicação "Você é mentiroso" direciona a mensagem diretamente a ambos os candidatos ("disseram um ao outro"). Esse endereçamento direto é confirmado pela imagem de uma seta, que serve para destacar seu conteúdo e intensificar o efeito prejudicial da asserção, juntamente com o emprego da #LulaNemFu, que contém uma expressão tabu abreviada ("NemFu"), facilmente reconhecível por falantes de português brasileiro.

No exemplo 7, o termo Bozoloide apresenta uma grafia inovadora do sobrenome de Bolsonaro, que alude ao sufixo "lóide", também encontrado no termo "mongolóide", utilizado, em alguns contextos, como referência preconceituosa a pessoas portadoras de Síndrome de Down.

### Exemplo 7

**Bozoloide** pega um fato distorce, inventa uma mentira em cima disso e depois cultiva essa mentira com o mesmo carinho de quem cultiva um pé de canabis pra fumar ele inteirinho e seguir eternamente com seus delírios. #DebateNaGlobo

No exemplo, não há uma recuperação direta do termo Bozoloide nas outras ocorrências presentes na postagem. Registra-se, contudo, um conjunto de asserções negativas, destinadas a prejudicar a imagem do então candidato, que é descrito como mentiroso ("pega um fato distorce, inventa uma mentira em cima, além de ser delirante") e delirante ("cultiva essa mentira com o mesmo carinho de quem cultiva um pé de canabis pra fumar ele inteirinho e seguir eternamente com seus delírios").

Mas, ainda que a cadeia referencial que se inicia com "Bozoloide" seja construída com elipses ("Ø inventa uma mentira em cima disso e depois Ø cultiva essa mentira"), vale chamar a atenção para as outras cadeias referenciais dessa mensagem, já que elas servem para caracterizar o então candidato Bolsonaro como "Bozoloide". Ainda que a mensagem seja curta, há várias cadeias referenciais combinadas, mas facilmente identificáveis. A primeira delas corresponde à introdução do objeto "um fato" e sua retomada pelo pronome demonstrativo "isso" ("pega um **fato** distorce, inventa uma mentira em cima **disso**"). A retomada é neutra, na medida em que o pronome não permite conferir atributos ao objeto retomado, sinalizando apenas a retomada de informação altamente acessível.

A segunda cadeia referencial corresponde à retomada de "uma mentira" pela expressão demonstrativa "essa mentira" ("inventa **uma mentira** em cima disso e depois cultiva **essa mentira**"). Ainda que, no momento da retomada, o referente "mentira" seja altamente acessível e não haja outros candidatos para a retomada, o autor da mensagem emprega uma expressão nominal "pesada" ou referencialmente plena (GROBET, 2000) para retomar o referente. Uma explicação para isso pode estar no intuito do autor de reforçar a ideia de que o candidato transforma fato em mentira e "depois cultiva essa mentira". Há, portanto, um efeito de intensificação com o uso da expressão, efeito que se perderia se o autor usasse, por exemplo, um pronome: "inventa uma mentira em cima disso e depois [a] cultiva [ela]".

Na terceira cadeia referencial, há a introdução de um novo personagem com quem o candidato é comparado ("quem cultiva um pé de canabis") e que é alvo de uma retomada por anáfora associativa ("seus delírios"), que alude aos efeitos do uso da erva mencionada. O interesse dessa anáfora associativa está em sua proposital ambiguidade: de quem são os delírios? Do candidato ou de quem cultiva um pé de canabis? Dada a comparação que o autor estabelece entre as duas personagens, infere-se que ambas deliram ou são delirantes. Por fim, há ainda a retomada do referente "um pé de canabis" pelo pronome "ele": "**um pé de canabis** pra fumar **ele**

inteirinho”. Em razão da alta acessibilidade do referente, o autor escolhe uma retomada pronominal.

Por meio da identificação das várias cadeias referenciais dessa curta mensagem, podemos observar que os referentes que, na mensagem, são apresentados como menos prejudiciais para a imagem de Bolsonaro são retomados por pronomes. É o caso de “um fato” (retomado com “isso”) e “pé de canabis” (retomado com “ele”). Já os referentes que permitem uma caracterização pejorativa e impolida de Bolsonaro são retomados por meio de expressões referenciais plenas. É o caso de “uma mentira” (retomada com “essa mentira”) e de “quem cultivava um pé de canabis” (retomada indiretamente com “seus delírios”). Essa diferença no modo de retomar os referentes permite constatar que, como informado na parte teórica deste trabalho, o processo de construção da cadeia referencial não é comandado apenas pelo grau de acessibilidade dos referentes, mas também (e em especial em contextos de interação conflituosa como no caso do Twitter/X) pela busca do produtor do texto por atribuir ao alvo do ataque determinadas características. Dessa forma, esse exemplo permite evidenciar a profunda integração entre referenciação e impolidez.

#### 4.4 Insultos atacando a honestidade e/ou a moral do candidato ou de apoiadores

No exemplo 8, o termo “trapaceiro” categoriza negativamente o então candidato Lula e é usado para atacar sua reputação de forma não mitigada (“não tem um pingão de vergonha na cara”).

##### Exemplo 8

**Lula trapaceiro** não tem um pingão de vergonha na cara estando em rede nacional, descaradamente sendo ajudado por algum assessor incompetente, pois mesmo com toda ajuda, passou vergonha.  
#LulaVergonhaNacional #LulaMentiroso

Além do ataque ao caráter, a mensagem também ataca as qualidades intelectuais do candidato, que é descrito como incapaz (“sendo ajudado por algum assessor incompetente, pois mesmo com toda ajuda, passou vergonha”). Os ataques são reforçados pelo emprego de #LulaVergonhaNacional e #LulaMentiroso, que também contribuem para que a mensagem circule no Twitter/X.

No exemplo 9, é interessante notar o uso do artigo definindo “o” (“O mentiroso”), indicando um elemento “velho”, ou seja, “dado” e “acessível” no contexto. Ao agir assim, o autor ancora a expressão nominal definida em informação (o então candidato Bolsonaro), cuja origem está tanto no próprio debate, que o autor comenta, quanto nos comentários anteriores.

##### Exemplo 9

**O mentiroso** não tem vergonha, rapaz!  
#DebateNaGlobo #ForaBolsonaro

Esse uso cumpre a função de sancionar a avaliação negativa veiculada (“mentiroso”), aumentando seu potencial agressivo, já que sua validade é discursivamente imposta como familiar ou pressuposta. Assim, o autor apresenta a categorização do então candidato como mentiroso como algo não aberto a contestações. Um recurso semelhante é também identificado no exemplo 10, em que o ataque também é direcionado a Bolsonaro.

**Exemplo 10**

**O ladrão e vulgo "cidadão de bem" odeia pobre**

Acabou sonaro

#ForaBolsonaroMentiroso

#DebateNaGlobo

Os três termos "trapaceiro", "mentiroso" e "o ladrão e vulgo cidadão de bem", empregados nos exemplos 8, 9 e 10, têm em comum não somente o fato de atacarem a reputação dos candidatos de forma não mitigada ao descrevê-los como desonestos, mas também de recuperarem esses mesmos referentes por meio de *hashtags* (#LulaVergonhaNacional, #LulaMentiroso, #ForaBolsonaroMentiroso, entre outras). Trata-se de estratégia indicativa de acumulação simbólica, realizada por meio dos diferentes recursos (*affordances*), disponíveis no ambiente digital, como também identificaram Oliveira e Miranda (2020).

**4.5 Insultos atacando o equilíbrio psicológico do candidato no debate**

No exemplo 11, a expressão "chiliquento" alude ao desequilíbrio psicológico identificado pelo usuário no então candidato Bolsonaro. O candidato é assim caracterizado como alguém que "dá chilique". A recuperação direta do termo não é registrada em outros pontos da mensagem.

**Exemplo 11**

**Chiliquento** chamou de mentiroso, se doeu, pois ele é o pai da fake News

Lula podia ter feito isso no #DebateNaGlobo

#debatenaglobo do 2º turno entre os candidatos preferidos da maioria dos eleitores

Nessa mensagem, o referente "chiliquento" é retomado por meio de "ele", que, enquanto pronome, não atribui novas características ao referente. Contudo, o autor da mensagem atribui um predicado ao referente do pronome, predicado que é outro insulto, ligado à moral do candidato, na forma de epíteto negativo em posição remática ("ele é o pai da fake News"). Vale chamar a atenção ainda para o fato de que o adversário de Bolsonaro, Lula, não é categorizado de forma negativa. Ainda que a mensagem não permita ter certeza absoluta acerca do posicionamento político do autor, o modo como ele categorizou ambos os candidatos é um forte indício de sua preferência por Lula. Esse exemplo reforça a relação que vemos entre referenciação (ou o modo como os referentes são (re)categorizados) e a impolidez (ou o modo como os interlocutores desenvolvem um trabalho de face (GOFFMAN, 1967[1955]) violento e agressivo). Afinal, a consideração dos termos usados pelo autor para referir os candidatos já indicia seu ponto de vista sobre eles.

No exemplo 12, o termo "cagão" ataca a reputação moral do candidato, descrito como pusilânime. A recuperação direta do termo ocorre pela #bolsonaro.

**Exemplo 12**

**O cagão mentiu!**

#debatenaglobo do 2º turno entre os candidatos preferidos da maioria dos eleitores #bolsonaro

Registra-se, ainda, o tom jocoso presente em: ("#debatenaglobo do 2º turno entre os candidatos preferidos da maioria dos eleitores).

#### 4.6 Discussão

Diante desses exemplos, elencados brevemente em razão de limitações de espaço, é interessante apontar pelo menos três implicações. A primeira diz respeito à evidência de que, pela análise da cadeia referencial, foi possível identificar instâncias que sugerem a tentativa de vilipêndio público on-line (GARCÉS-CONEJOS BLITVITCH, 2022; OLIVEIRA; MIRANDA, 2022; OLIVEIRA; DRINÓCZI; MIRANDA, 2024) dos candidatos, identificados, de alguma forma, por meio de epítetos negativos. Essa constatação decorre, em parte, do ambiente textual circundante, no qual os *tweets* analisados foram reproduzidos, demarcado, em grande medida, pelo uso de alguns recursos (*affordances*), típicos do Twitter/X, tais como as *hashtags* ofensivas (#forabozo, #LulaVergonhaNacional). Atuando como pistas contextuais (ZAPPAVIGNA, 2018), as *hashtags* facilitaram o cálculo inferencial e contribuíram para enquadrar as postagens em um tom impolido, destinado a ofender ou a provocar os candidatos e seus aliados, como também observaram Oliveira e Carneiro (2022) e Oliveira e Marciano (2022), em dados sobre o domínio político digital.

Em segundo lugar, é relevante notar ainda que, como a posição temática implica a perspectiva sob a qual a mensagem é enquadrada, ela contribuiu para situar as figuras dos candidatos como entidades dadas, ou seja, conhecidas da comunidade de usuários do Twitter/X e sobre as quais os autores das postagens estruturaram uma predicação, nesse caso, realizada na forma de ofensa não mitigada (CULPEPER, 2010; 2011). O tom ofensivo ou jocoso é selecionado como leitura preferida, mesmo quando a entidade referida não é diretamente recuperável nas mensagens.

Um terceiro elemento a ser ainda destacado nos exemplos é o uso de linguagem criativa (“Loola”, “Bolsoguedes” e “Bozoloide”) na composição dos insultos e xingamentos em posição temática. Esse aspecto também está associado ao ambiente híbrido do meio digital, que contribui para que a materialidade textual seja manipulada por meio da acumulação de conteúdos simbólicos variados, compartilhados pela comunidade de usuários e, portanto, contextualmente situados (OLIVEIRA; DRINÓCZI; MIRANDA, 2024).

Em síntese, os exemplos analisados sugerem que os insultos cumpriram, além da função notadamente agressiva, um papel jocoso e gregário (DYNEL, 2023), já que serviram para reunir os usuários por meio de uma tarefa comum: vilipêndiar um dos candidatos e, por consequência, em alguma medida, apoiar o outro. Nesse processo, entre outros recursos, destacam-se os pontos de partida (temas) das mensagens produzidas, que serviram para (re)categorizar os candidatos enquanto objetos de discurso, conferindo a eles um tipo de avaliação negativa, prejudicial às imagens públicas.

Cabe destacar, neste ponto do estudo, o fato de que as versões públicas que os autores apresentam nas mensagens sobre o que se passou no debate assenta-se, em grande medida, no modo como eles optaram por categorizar os candidatos. Assim, independentemente do que os autores prediquem acerca dos candidatos, o simples fato de os categorizarem como “Bozoloide”, “Lula trapaceiro”, “o mentiroso”, “o ladrão”, “vulgo ‘cidadão de bem’”, “chiliquento”, “o cagão” já sinaliza a postura que os autores assumem na discussão política (a que “lado” pertencem) (OLIVEIRA; DRINÓCZI; MIRANDA, 2024). Portanto, como expusemos no início, usadas tematicamente, essas expressões exercem uma função reflexiva, constituindo uma espécie de termômetro da temperatura da discussão sobre um dado evento social (no caso, o debate) e revelando o modo como uma parcela da população interpretou esse mesmo evento e seus participantes, segundo sua perspectiva e visão de mundo. É nesse sentido que este trabalho defende a articulação dos estudos da referenciação e dos estudos da impolidez, na medida em que a percepção dessa natureza altamente reflexiva do uso de recursos da referenciação apenas se dá quando se articulam esses dois aportes teóricos.

## Considerações finais

Neste trabalho, propusemos um estudo do papel da categorização referencial como um recurso de que os usuários do Twitter/X se utilizam para elaborar *tweets* impolidos. Centramo-nos na análise de insultos e/ou de xingamentos que ocuparam a posição temática em 300 *tweets* que comentavam o debate eleitoral do segundo turno das eleições presidenciais, ocorrido em 28 de outubro de 2022, e transmitido pela TV Globo. Esses *tweets* puderam ser agrupados em quatro categorias principais, conforme a natureza da expressão nominal impolida neles empregadas: A) epítetos relacionados a personagens históricos ou da grande mídia; B) cunhagem de termos inovadores; C) insultos atacando a honestidade e/ou a moral do candidato ou de apoiadores; D) insultos atacando o equilíbrio psicológico do candidato no debate.

Na perspectiva assumida neste estudo, a referenciação extrapola uma dimensão meramente textual e identificada ao uso de mecanismos coesivos, que garantem a construção da coerência por leitor ou ouvinte, e surge como o processo por meio do qual os interlocutores constroem conjuntamente versões públicas do mundo. Nessas versões, os insultos e/ou xingamentos, verbalizados em diferentes formatos de expressões nominais nos *tweets* analisados, sugerem que os interlocutores, não apenas fizeram referência a objetos-do-mundo extramental (as figuras políticas referidas), mas também à construção de objetos-de-discurso, adaptados aos seus propósitos de dizer e à realização de diversas ações sociais, tais como a reivindicação de pertencimento a determinados grupos sociais (segmentos políticos), a expressão de preferências político-partidárias, a reivindicação de determinados valores sociais (como o de participante ativo do jogo político nacional), o reforço ou sedimentação de determinados grupos sociais, entre outras. Sem pretender esgotar o assunto, este estudo possibilitou constatar, assim, que a articulação entre referenciação e impolidez constitui um campo promissor de investigação para a compreensão dos comportamentos impolidos tanto nas interações on-line quanto em outros contextos.

## Agradecimentos

Os autores agradecem a leitura e as sugestões dos três avaliadores anônimos. As fragilidades que porventura permaneçam são de nossa responsabilidade.

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira agradece ao CNPq a concessão da Bolsa de produtividade em pesquisa (processo no 307538/2023-0). Agradece também o apoio do CNPq por meio do Edital Universal Faixa B (processo: 404672/2023-0).

Gustavo Ximenes Cunha agradece ao CNPq a concessão da Bolsa de produtividade em pesquisa (processo no 304805/2022-0).

Monique Vieira Miranda agradece ao CNPq a concessão da Bolsa de Pós-Doutorado Júnior (processo 151002/2024-0).

## Referências Bibliográficas

BERRENDONNER, Alain. Connecteurs pragmatiques et anaphore. **Cahiers de linguistique française**, v. 5, p. 215-246, 1983.

BERTHOUD, Anne Claude; MONDADA, Lorenza. Traitement du topic, process énonciatifs et séquences conversationnelles. **Cahiers de linguistique française**, v. 17, p. 205-228, 1995.



BOUSFIELD, Derek. Impoliteness in the struggle for power. In: BOUSFIELD, Derek; LOCHER, Miriam A. (eds.) **Language power and social process**. Berlin: De Gruyter, 2008.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BUSHMAN, Brad J.; HUESMANN, L. Rowell. Short-term and long-term effects of violent media on aggression in children and adults. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, v. 160, n. 4, p. 34, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Leitura, referência e coerência. In: ELIAS, Vanda Maria. (org.) **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 183-196.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SEARA, Isabel Roboredo; GUARANHA, Manoel Francisco. (orgs.) **Descortesia e cortesia: expressão de culturas**. São Paulo: Cortez, 2017.

CHAFE, Wallace. Information flow in speaking and writing. **The linguistics of literacy**, v. 21, p. 17-29, 1992.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. (orgs.) **Referência**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.

CULPEPER, Jonathan. Conventionalized impoliteness formulae. **Journal of pragmatics**, v. 42, n.12, p. 3232-3245, 2010.

CULPEPER, Jonathan. **Impoliteness: Using Language to Cause Offence**. Cambridge: Cambridge University Press. 2011.

CUNHA, Gustavo Ximenes. **A construção da narrativa em reportagens**. 601 f. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

CUNHA, Gustavo Ximenes. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. **DELTA**, v. 35, p. 1-28, 2019.

CUNHA, Gustavo Ximenes. Relações de discurso e interação: a articulação das linguagens verbal e não-verbal no contexto da formação profissional. **Fórum Linguístico**, v. 20, p. 9200-9215, 2023.

CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. As nominalizações como recursos complexos de organização tópica. **Domínios de lingu@gem**, v. 14, p. 235-260, 2020.

CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; PICININ, Rafael Vinícius de Carvalho. A nominalização deverbal em cartilhas de agências reguladoras do Estado: de como a gramática produz efeitos de autoridade e não-negociação. **Acta Scientiarum**. Language and culture, v. 40, p. 01-12, 2018.

DYNEL, Marta. Hashtag swearing: Pragmatic polysemy and polyfunctionality of #FuckPutin as solidary flaming. **Journal of Pragmatics**, v. 209, p. 108-122, 2023.

FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

GARCÉS-CONEJOS BLITVICH, Pilar. The YouTubification of politics, impoliteness and polarization. In: TAIWO, Rotimi (ed.). **Handbook of research on discourse behavior and digital communication: Language structures and social interaction**. Pensilvânia: IGI Global, 2010. p. 540-563.

GARCÉS-CONEJOS BLITVICH, Pilar. Introduction: The status-quo and quo vadis of impoliteness research. **Intercultural Pragmatics**, v. 7, n. 4, p. 535-559, 2010.

GARCÉS-CONEJOS BLITVICH, Pilar. Moral emotions, good moral panics, social regulation, and online public shaming. **Language & Communication**, v. 84, p. 61-75, 2022.

GOATLY, Andrew. **The language of metaphors**. Routledge, 1997.

GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Pantheon Books, 1967[1955]. p. 5-45.

GROBET, Anne. **L'identification des topiques dans les dialogues**. 2000. 513f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Genebra, Genebra, 2000.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in english**. London: Longman, 1976.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales**. V. II. Paris : Armand Colin, 1992.

KLEIBER, Georges. Marqueurs référentiels et processus interprétatifs: pour une approche "plus sémantique". **Cahiers de linguistique française**, v. 11, p. 241-258, 1990.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs.) **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 95-108.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto: 2009.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. Referenciação. In: JUBRAN, Clélia. C. A. Spinardi; KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. v. 1, 2006, p. 381-402.

MARINHO, Janice Helena Chaves; CUNHA, Gustavo Ximenes. A construção da cadeia referencial em textos de estudantes universitários. **ALFA**, v. 58, p. 11-33, 2014.

MCCARTHY, Michael; CARTER, Ronald. Ten criteria for a spoken grammar. **Explorations in corpus linguistics**, v. 27, p. 27-52, 2006.

MONDADA, Lorenza. Pour une approche conversationnelle des objets de discours. **Revista da ABRALIN**, v. 26. n. especial – I, p. 66-70, 2001.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. **Travaux neuchâtelois de linguistique**, v. 23, 1995, p. 273-302.

MORATO, Edwiges. Aspectos sócio-cognitivos da atividade referencial: as expressões formulaicas. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs.) **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 79-94.

MORATO, Edwiges. Linguística textual e cognição. In: **Linguística textual: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017, p. 394-430.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática e texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CUNHA, Gustavo Ximenes. Relações epistêmicas e impolidez linguística em comentários do twitter/x sobre um debate presidencial. **Linguagem em (dis)curso**, v. 24, p. 01-18, 2024.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. MARCIANO, Lucas Willian Oliveira. # Edaí: um estudo sobre impolidez e tomada de postura no Twitter brasileiro. **Confluência**, v. 63, p. 199-221, 2022.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CARNEIRO, Marisa. #caguei: agressividade no Twitter. **Contextos Linguísticos**, v. 12, p. 7-20, 2018.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CUNHA, Gustavo Ximenes; MIRANDA, Monique Vieira. Nominalizations as complex strategies of politeness and face-work in scientific papers written in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, p. 361-375, 2017.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; DRINÓCZI, Tímea; MIRANDA, Monique Vieira. Far-right discourse in Brazil. **Journal of Language and Politics**, v. 1, p. 1-23, 2024.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; MIRANDA, Monique Vieira. O metadiscorso de impolidez como recurso analítico: evidências do domínio político no Twitter/X. **Revista de Estudos da Linguagem** (no prelo.)

RAYMOND, Chase Wesley; CLIFT, Rebecca; HERITAGE, John. Reference without anaphora: on agency through grammar. **Linguistics**, v. 59, n. 3, p. 715-755, 2021.

REBOUL, Anne. Pragmatique et référence: mondes possibles et espaces mentaux. In: MOESCHLER, Jacques; REBOUL, Anne. **Dictionnaire encyclopédique de pragmatique**. Paris: Editions du Seuil, 1994. p. 155-178.

PRETI, Dino. (org.) **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.

RECUERO, Raquel et al. Hashtags Functions in the Protests Across Brazil. **SAGE Open**, p. 1–14, 2015.

ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurent; GROBET, Anne. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Peter Lang; 2001.

SCOTT, Kate. The Pragmatics of Hashtags: Inference and Conversational Style on Twitter. **Journal of Pragmatics**, v. 81, p. 8-20, 2015.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: Communication and cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

STAPLETON, Karyn, BEERS FÄGERSTEN, Kristy, STEPHENS, Richard, LOVEDAY, Catherine. The power of swearing: what we know and what we don't. **Lingua**, v. 277, p. 103-146, 2022.

THOMPSON, Geoff. **Introducing functional grammar**. Routledge, 2013.

VÁSQUEZ, Camilla. “I appreciate u not being a total prick...”: Oppositional stancetaking, impoliteness and relational work in adversarial Twitter interactions. **Journal of Pragmatics**, v. 185, p. 40-53, 2021.

ZAPPAVIGNA, Michele. **Searchable talk: Hashtags and social media metadiscourse**. Bloomsbury Publishing, 2018.

Submetido em 28/05/2024

Aceito em 26/08/2024